



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PORTFÓLIO ACADÊMICO
INTERVENÇÕES GRUPAIS POR MEIO DE GRUPOTERAPIA
E GRUPO OPERATIVO: RELATO DE VIVÊNCIAS

ALEX CORRÊA DE SOUZA
JULIANA SALLES LOPES
MAÍLA REZENDE CARVALHO MAGALHÃES
ROSELÉIA DOS SANTOS RODRIGUES
SAMARA ESTHEFANY AIRÃO

LAVRAS-MG

2019

I61

Intervenções grupais por meio de grupoterapia e grupo operativo: relato de vivências / Alex Corrêa de Souza [et al.]; orientação de Paula de Deus Vieira. -- Lavras: Unilavras, 2019.

47 f. ; il.

1. Grupoterapia. 2. Grupo operativo. 3. AAPIL. 4.

Associação conquista de pessoas com deficiência. I. Lopes, Juliana Salles. II. Magalhães, Maíla Rezende Carvalho. III. Rodrigues, Roseléia dos Santos. IV. Airão, Samara Esthefany

ALEX CORRÊA DE SOUZA
JULIANA SALLES LOPES
MAÍLA REZENDE CARVALHO MAGALHÃES
ROSELÉIA DOS SANTOS RODRIGUES
SAMARA ESTHEFANY AIRÃO

PORTFÓLIO ACADÊMICO
INTERVENÇÕES GRUPAIS POR MEIO DE GRUPOTERAPIA
E GRUPO OPERATIVO: RELATO DE VIVÊNCIAS

Portfólio Acadêmico apresentado ao Centro
Universitário de Lavras como parte das
exigências da disciplina Seminário de
Pesquisa, curso de graduação em
Psicologia.

APROVADO EM: 12/11/2019



ORIENTADORA

Paula de Deus Vieira/Centro Universitário de Lavras



PRESIDENTE DA BANCA

Cleonice de Faria Barbosa/Centro Universitário de Lavras

LAVRAS-MG

2019

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus por nos proporcionar a capacidade de reconhecer no ser humano possibilidades de desenvolvimento, capacidade de mudança e nos tornar facilitadores deste contínuo processo, que é a VIDA.

À UNILAVRAS, pela oportunidade e acolhimento nos direcionando em nossas escolhas profissionais.

À estrutura familiar que, como primeiro grupo ao qual um indivíduo se submete, acolheu-nos e nos fortaleceu ao longo desses anos.

Aos grupos da AAPIL e ASSOCIAÇÃO CONQUISTA, que nos proporcionaram vivências repletas de afetos e aprendizados e sem os quais este trabalho não teria significado.

Aos professores que nos acompanharam e orientaram em nossa trajetória, ao longo da Psicologia Social, em especial à Paula Vieira de Deus e à Rafaella Campos, pelos conhecimentos compartilhados de maneira tão desprendida e dedicada.

Aos colegas que fizeram parte deste processo, como colaboradores, pela amizade, respeito e tolerância, nos momentos de grande felicidade ou desafios.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para nosso crescimento profissional e pessoal.

Nosso muito obrigado!

LISTA DE FIGURAS

Figura1	Quebra-cabeça da dinâmica “Não tampar o sol com peneira” finalizada.....	26
Figura2	Encerramento dos encontros – AAPIL.....	27
Figura3	Placa de identificação do grupo.....	32
Figura4	Grupo reunido com a placa de identificação.....	34

LISTA DE SIGLAS

AAPIL	Associação dos Aposentados de Lavras
ABRAPSO	Associação Brasileira de Psicologia Social
ACPD	Associação Conquista de Pessoas com Deficiência
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PCD	Pessoa com Deficiência
UNILAVRAS	Centro Universitário de Lavras

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
1.1	Sobre os autores	08
2	DESENVOLVIMENTO.....	12
2.1	Breve Histórico da Psicologia Grupal	12
2.2	Modalidades Grupais	13
2.3	Associação dos Aposentados e Pensionistas de Lavras (AAPIL)	16
2.3.1	Breve Histórico.....	16
2.3.2	Sobre a terceira idade.....	17
2.3.3	A Experiência: A Intervenção no grupo da AAPIL.....	19
2.3.3.1	Demanda.....	19
2.3.3.2	O Processo Grupal.....	21
2.4	Associação Conquista de Pessoas com Deficiência (ACPD).....	28
2.4.1	Breve Histórico.....	28
2.4.2	A experiência: A intervenção no grupo da ACPD.....	29
2.4.2.1	Os acompanhantes	29
2.4.2.2	Demanda.....	30
2.4.2.3	O Processo Grupal	30
3	AUTOAVALIAÇÃO.....	35
4	CONCLUSÃO.....	37
	REFERÊNCIAS	38
	ANEXOS	40
	ANEXO A – Planejamento Grupo Terapêutico AAPIL	40
	ANEXO B – Ficha de Inscrição	41

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste portfólio é, em primeiro lugar, apresentar um referencial teórico sobre a Psicologia de Grupo, seu histórico e desenvolvimento, e ao final, realizar um relato de experiência nos grupos da Associação dos Aposentados e Pensionistas de Lavras (AAPIL) e na Associação Conquista de Pessoas com Deficiência (ACPD).

Com ênfase no argentino psiquiatra, psicanalista e professor Pichon-Rivière, em sua produção sobre Grupos Operativos e Grupos Terapêuticos, iremos apresentar como foi a condução dos grupos e experiências produzidas, por meio desse importante mecanismo de elaboração grupal.

Na ACPD, o tipo de grupo escolhido foi o grupo operativo, como público os acompanhantes dos usuários da associação, já na AAPIL foi escolhido o formato de grupo terapêutico e com foco no público de usuários dos serviços da associação.

Segundo Pichon-Rivière (2005, p. 157) o grupo operativo aparenta ao funcionamento do grupo familiar e pode ser definido como um “conjunto de pessoas reunidas por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, implícita ou explicitamente, uma tarefa que constitui sua finalidade”.

O Grupo terapêutico se diferencia do Grupo Operativo, pois apresenta como foco grupal a cura e não somente a realização de uma tarefa específica. De acordo com Pichon-Rivière (2005), a psicoterapia grupal é uma técnica destinada a toda e qualquer pessoa que pretende expandir sua autoconsciência. Esse procedimento pode beneficiar todo aquele que deseja aprofundar o conhecimento de si mesmo, a partir do contato interpessoal.

Sabendo do potencial que a teoria e técnica cunhada por Pichon-Rivière, diante dos inúmeros estudos correlacionados à sua obra e também pelo papel que esse conhecimento trouxe para a cultura, neste trabalho, visa-se a analisar o campo psicossocial, compreendendo a dinâmica de funcionamento dos sujeitos em grupo e exibindo a aplicação de conhecimentos, a fim de realizar as transformações necessárias, visando ao todo, mas também ao próprio bem-estar, o funcionamento do grupo como instância, local, ambiente de elaboração psíquica tanto individual, quanto coletiva.

O trabalho também se fundamenta em outros autores e pesquisadores que observaram, refletiram e explicaram os fenômenos sociais, como David Zimermam sociólogo de grande reconhecimento na academia científica do século XXI.

As associações surgem geralmente com o movimento popular, por alguma demanda da própria sociedade e são instituições compostas por indivíduos com interesses em comum, voltados para a transformação da realidade social.

O papel das associações é de considerável importância, pois sendo de iniciativa privada, com grande parte sem fins lucrativos, com o papel de executar alguma atividade na sociedade: a responsabilidade de promover a sociedade então é entendida como uma ação não apenas do Estado, mas da própria sociedade e seus sujeitos. Seja por precariedade de serviço ou mesmo estratégia de política pública, as associações surgem, no Brasil, como uma forma de suprir a carência social, relativa à necessidade populacional por serviços, programas, projetos, benefícios, auxílio entre outros.

Nesse sentido, a operação de grupos é de fundamental importância, pois é, por meio desse espaço de interlocução dos sujeitos que podem surgir soluções para diversos conflitos, porém não soluções já prontas, mas sim soluções construídas em conjunto, com a participação de quem sentir desejo em participar, construir, colaborar.

1.1 Sobre os autores

Eu, Juliana, ingressei no curso de Psicologia da UNILAVRAS, no segundo semestre de 2015, com o objetivo de aprofundar meus conhecimentos em relação a essa área que, durante a minha trajetória acadêmica e profissional sempre esteve presente. Formei-me em Pedagogia na UFJF e fiz especialização na área de Psicopedagogia. Trabalhei como professora, psicopedagoga clínica e como coordenadora de Recursos Humanos. Durante esse trajeto, a psicologia sempre foi um fator determinante na minha prática. Particpei de palestras, cursos e congressos, porém esse desejo de me aprofundar mais na área sempre foi uma meta. A minha necessidade era fazer um curso em que pudesse aproveitar cada momento com o máximo de aprendizagem. Lógico que, como em todos os momentos da vida, os obstáculos apareceram. Foram superados. Alguns deixaram marcas mais pesadas outros nem tanto, mas o próprio estudo da psicologia me fez enxergar o quão importante são os percalços para uma construção significativa. O estágio na AAPIL apareceu em um desses momentos, em que me deparei com a velhice, com a vontade de viver e a morte. Por participar de vários grupos terapêuticos, dando ênfase ao grupo psicopedagógico com Alicia Fernandez, o desejo de fazer esse acolhimento às pessoas idosas e aposentadas, com medos, perdas ou anseios, que

buscavam um espaço de convivência em que poderiam partilhar experiências, trocas e resgatar o prazer da vida, construindo novos conhecimentos, foi colocado em prática. Contribuir para que essas pessoas sintam a felicidade interior, consigam elaborar metas e melhorar a qualidade de vida, enfim, encontrarem motivação na própria história de vida, sem dúvida, é o nosso papel de terapeuta como mediador, nesse tipo de grupo.

Chamo-me Maíla, sou formada no Curso de Tecnólogo em Gestão Comercial e especialista em Recursos Humanos. Quando me formei, já trabalhava como auxiliar administrativo em uma empresa do ramo imobiliário de Lavras, mas não me sentia completa profissionalmente, durante o curso de Gestão me descobri amante pela área de Recursos Humanos, então, resolvi ir à busca do meu grande sonho de atuação profissional. Durante a procura de trabalho na área de RH, enfrentei grandes dificuldades, em decorrência da falta de experiência profissional no segmento em questão, mas, em momento algum, pensei em desistir. Após várias entrevistas, foi-me dada a oportunidade para trabalhar na área de RH de uma Instituição de Ensino de Lavras, ao qual, já estou há mais de seis anos. Após alguns anos de atuação na área, senti a necessidade de me capacitar, ter um olhar mais refinado e empático, foi, então, que resolvi me ingressar no curso de Psicologia. Para mim, o curso está sendo um desafio, ter que alinhar trabalho, estágios e faculdade, mas não me arrependo, o mesmo tem contribuído muito para o meu desenvolvimento pessoal e, principalmente, pessoal. O interesse pelo estágio na Associação dos Aposentados foi para conhecer novos campos de trabalho na Psicologia, e o grupo da AAPIL vem me proporcionando grande encantamento, conhecimento e aprendizado. Ao me formar, vou continuar atuando na área de Recursos Humanos, e tenho refletido muito na possibilidade de realizar algum trabalho voluntário voltado para a sociedade.

Para mim, Roseléia, a Psicologia foi a primeira graduação que iniciei logo que terminei o curso de Habilitação ao Magistério, curso profissionalizante que formava professores para atuar na educação básica. Entre as matérias pedagógicas, havia algumas voltadas à Psicologia. Esse primeiro contato despertou em mim o interesse pelo curso. À época, o primeiro vestibular que prestei foi para Psicologia, em São João del Rei, antiga Funrei. Cursei alguns semestres, mas não dei continuidade. Havia uma inquietude dentro de mim que me fazia buscar outras experiências. Iniciei outras graduações, sem êxito, até que meu primeiro filho nasceu. Diante da maternidade e da consciência de que não havia mais tempo a perder, concluí a graduação em Letras, mas com o olhar sempre voltado para a

Psicologia. Anos se passaram e houve o momento de novamente me encontrar com o curso, dessa vez com mais maturidade e consciência. O trabalho desenvolvido, por meio do estágio na AAPIL representa um convite para entrar em contato com uma fase da vida, com todas as suas particularidades e desafios, que é a velhice. O encontro com o idoso tem mudado muitos pressupostos que julgava como verdadeiros e ampliado minha consciência sobre as inúmeras maneiras de experimentar a vida, na fase do envelhecimento, que são possíveis ao ser humano.

Eu, Samara, trabalho há 5 anos dentro de uma indústria alimentícia, mais precisamente supervisionando o chão de fábrica. Ao longo do dia a dia percebi que o conhecimento técnico acerca de metodologias de fabricação e técnicas de processo eram tão importantes quanto à gestão das pessoas que fazem parte da cadeia produtiva. Sendo assim, resolvi ingressar no curso de psicologia, desejando desenvolver meus conhecimentos acerca do contato com outro ser humano, mas principalmente ansiando aprender mais sobre a ciência que estuda a mente humana e suas implicações. Ao longo do curso, percebi a oportunidade de estudar e aprender sobre a dinâmica de funcionamento de grupos, especialmente aqueles formados por indivíduos que, por vezes, são esquecidos pela sociedade, como os deficientes e idosos. A aproximação me permitiu conhecer melhor sobre os processos conscientes e inconscientes que ocorrem para sua formação e manutenção. Possibilitou ainda crescimento pessoal, ao longo dos estágios, quando tive contato com os grupos, como no estágio de observação na Associação Conquista e a Grupoterapia na AAPIL. Após minha formação, almejo focar meu trabalho no atendimento e suporte a grupos de pessoas com deficiência, especialmente os auditivos, além de buscar especializações para aprofundamento dos conhecimentos já adquiridos.

Para mim, Alex, responder às ocasiões da experiência experiencial vital me soa um tanto importante, enquanto também há a compreensão da missão de transpassar o conhecimento o qual foi constituído à base teórica de tantos autores que se dedicaram e a experiência pessoal na qual pude verificar a teoria e aplicar e colher as evidências de um vasto campo de estudo, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas, conhecer cada vez mais o porquê das coisas serem como elas são como elas poderiam ser ou como foram e utilizar desse conhecimento com a segurança de ética, para ser um agente de transformação do mundo e transformado pelo próprio mundo ao qual constitui. Mesmo anteriormente de conhecer a psicologia, antes mesmo de sequer saber que existia alguém chamado Freud, Skinner, Maslow, Sartre, dentre tantos e tantos autores e experimentadores que depois conheci

próximos ou distantes, ainda criança me questionava o funcionamento das coisas, isso se seguiu, por anos, e isso me trouxe até aqui.

Nenhuma das ciências às quais eu tivera contato satisfazia minhas perguntas sobre o funcionamento das coisas, pareciam fragmentos pequenos demais para se compreender algo. Surgiu em meu caminho a Psicologia: ciência independente que tem, consigo suas formas e não exclui qualquer outra ciência, pelo contrário: o avanço de qualquer ciência baseada na ética, está logo à disposição ou pode ser observada, analisada ou utilizada na psicologia. Essa me parece à maneira mais segura em desvendar a verdade, conhecer de maneira mais próxima sobre o funcionamento de algo, mesmo que dentro de um campo de subjetividade e singularidade. Tal proposição justifica minha escolha pelo curso de Psicologia, pois a psicologia se mostrou para mim maior ainda do que eu a imaginava, e é sabido que ela ainda se mostrará cada vez mais ao longo dos anos, e se seguirá mostrando pelos caminhos desconhecidos do futuro.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Breve Histórico da Psicologia Grupal

A Psicologia Grupal é resultante da contribuição de várias teorias das Ciências Sociais, Antropologia, Sociologia e fundamentalmente da Psicologia Social Sociológica ou Psicossociologia.

A Psicologia Social Sociológica tem suas raízes tanto na Psicologia quanto na Sociologia. De acordo com Farr (2004, p.151), “a Psicologia Social floresceu no contexto de duas disciplinas bastante distintas (a saber, a Sociologia e a Psicologia), assumindo diferentes formas nos dois contextos”, ao qual, pode ser definida como o estudo científico dos fenômenos sociais comportamentais e cognitivos dos indivíduos e como estes são influenciados dentro da sociedade. De acordo com Lane (2006, p.10):

A Psicologia Social Sociológica estuda a relação essencial entre o indivíduo e a sociedade, esta entendida historicamente, desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessários para a continuidade da sociedade.

Para Maisonneuve (1977), o desenvolvimento da Psicossociologia provém da incapacidade da Psicologia, assim como da Sociologia, de sozinhas, explicarem as condutas humanas concretas de forma integral. Se por um lado, estudos sociológicos não explicam mecanismos psíquicos (porque se produz em determinado indivíduo e não em outro), por outro, estudos psicológicos, realizados em laboratórios, não consideram influências dos quadros e modelos sociais.

No Brasil, a vertente de estudos psicossociais surgiu, na década de 70 e se ocupa de pesquisas sobre identidade, representação social, ideologia, instituições, gênero, família e da teoria sobre processos grupais. Em 1979, em Lima, no final de um congresso, assinalou-se que a Psicologia Social deveria ser voltada para as condições próprias de cada país latino americano. Após este simpósio ocorreu a criação da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), em 1980, valorizando o papel do psicólogo social e os estudos e pesquisas no campo.

2.2 Modalidades Grupais

A fim da melhor compreensão acerca das diferentes modalidades grupais e das metodologias de trabalho aplicadas aos grupos presentes neste portfólio será realizada uma breve fundamentação teórica e, posteriormente exposto o trabalho realizado.

A Psicologia Social e o trabalho grupal tratam de um campo de conhecimento constituído por múltiplos autores, uma vez que não é possível, como em outras abordagens do campo psicológico, identificar apenas um grande teórico fundador. Segundo Zimerman (1993, p. 45), “a Psicologia Grupal é resultante da confluência das contribuições provindas da teoria psicanalítica e das Ciências Sociais, através dos ramos da Sociologia, Antropologia Social e da Psicologia Social”.

No campo da filosofia, J. P. Sartre citado por Zimerman (1993) importou-se com as questões de liberdade e responsabilidades individuais e coletivas, por meio do estudo e observação de como se davam as formações grupais. Zimerman (1993, p. 151) nos apresenta que:

O ser humano é gregário, e ele só existe, ou subsiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, ele participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social. Um conjunto de pessoas constitui um grupo, um conjunto de grupos e sua relação com os respectivos subgrupos se constitui em uma comunidade e um conjunto interativo das comunidades configura uma sociedade.

Segundo Pichon-Rivière, citado por Osório (2007), o grupo é um conjunto de pessoas que estão ligadas por algum motivo, seja ele espacial ou temporal, articuladas por suas próprias representações internas e que se prontificam de maneira implícita ou explícita à realização de uma determinada tarefa.

Osório (2007) acrescenta que em uma época onde a linguagem verbal ainda inexistia ou não passava de grunhidos, os seres trocavam cuidados, emoções e expressavam necessidades entre famílias e clãs, dando origem assim a ordem social. O primeiro registro que temos de um protótipo de grupo com características explicitamente terapêuticas é com Pratt e seus pacientes tuberculosos no século XX. Pratt observou que enquanto seus pacientes aguardavam na sala de espera para serem atendidos, eles interagiam entre si e, conseqüentemente, estabeleciam laços emocionais, o que acarretava em uma melhora em seu estado de ânimo. O médico os reuniu então em um grupo, a fim de que trocassem suas experiências e compartilhassem como lidavam com a doença. “Pratt, portanto, foi o primeiro

a utilizar de forma sistemática e intencional as emoções suscitadas nas intervenções ocorridas em um espaço grupal para a obtenção de resultado terapêutico” (OSÓRIO, 2007, p. 11).

Um dos teóricos importantes para a construção do conhecimento acerca dos grupos foi Lewin (1978) que, a partir de 1936, trabalhou na criação de laboratórios sociais a fim de estudar e compreender como se davam as leis grupais que perpassam a formação de grupos humanos, a estrutura psicológica de grupos majoritários e minoritários, a formação de papéis e de campos grupais (ZIMERMAN, 1993). Na década de 40, o teórico publicou seu primeiro artigo onde o termo dinâmica de grupo começou a surgir. Segundo Albuquerque (2011, p. 219), o termo pode ser definido como “área de estudos sobre o movimento e as forças que o produzem, uma dinâmica de grupo pode ser compreendida como qualquer proposta que traga movimento dentro dos grupos e que evidencie as forças que atuam sobre os mesmos”.

Para Lewin (1978), essa dinâmica não consistia apenas em aplicações de técnicas a fim de produzir mudanças, mas sim uma aplicação que conduzisse à reflexão grupal dos fatores que podem influenciar de alguma forma e vivência diária e expressão de grupos e instituições. Contudo, não seria possível para o teórico desenvolver sobre a dinâmica dos grupos sem apresentar o conceito da teoria do campo. Segundo Minicucci (2009) o campo pode ser compreendido como o espaço de vida de um indivíduo, sendo que o espaço de vida é composto pelo meio psicológico como ele existe para a pessoa. Zimerman (1993, p.46) apresenta que “para K. Lewin. qualquer indivíduo, por mais ignorado que seja, faz parte do contexto do seu grupo social, o influencia e é por este fortemente influenciado e modelado”.

Outro nome importante é de Pichon-Rivière que, na década de 1930, ainda como estudante de medicina, obteve suas experiências com uma instituição dedicada a crianças oligofrênicas (BERSTEIN, 1986). Seus estudos foram influenciados por constatações apresentadas pelo psicanalista inglês Bion, que apresentava o homem como um animal de grupo e gregário (BERSTEIN, 1986). Pichon-Rivière apresentou a proposta dos grupos operativos que, posteriormente, foi desenvolvida por seus discípulos. Segundo Albuquerque (2011), o modelo dos grupos operativos é caracterizado pela forma como é conduzido, ou seja, o objetivo do grupo é a realização de uma tarefa. À medida que os integrantes se envolvem e comprometem-se com os objetivos grupais, ocorrem rupturas de estereótipos e ascensão de papéis, modificando assim os vínculos internos e externos. Nos grupos operativos, o objetivo não é cada um dos integrantes de forma individual, mas sim que o

grupo aprenda a pensar acerca de dificuldades comuns ao meio e manifestar no campo grupal. Segundo Berstein (1986, p. 119):

Para Pichón o grupo operativo é um instrumento de trabalho, um método de investigação e cumpre, além disso, uma função terapêutica. [...]. Pichón costumava dizer que não se trata tanto de “curar”, mas de “resolver” os obstáculos que freiam o desenvolvimento do indivíduo no grupo, isto é, colocá-lo em melhores condições de encontrar as próprias soluções.

Outra modalidade grupal é a grupoterapia composta por um conjunto de indivíduos que, em determinado momento, estabelecem interação entre si. Por meio da convivência de seus membros será criada, no grupo, uma estrutura formal e organizada, reforçada pelos vínculos originados nos relacionamentos (MINICUCCI, 2009). Em um grupo terapêutico o foco grupal está na cura e não na realização de uma tarefa específica. A diferença entre o grupo operativo e a grupoterapia está na tarefa explícita que se propõem a organizar. Em outros grupos, que não os grupos terapêuticos, mesmo que a tarefa específica não seja a cura, o fato de solucionar alguns obstáculos e aprender novos caminhos já se torna terapêutico por si só. Entretanto, nesses casos, a cura é um efeito e não o objetivo principal (BERSTEIN, 1986).

Para Zimerman (2000), um grupo terapêutico possui seus fundamentos em cinco principais fontes teóricas: a psicanalítica, a psicodramática, a da teoria sistêmica, da teoria cognitivo comportamental e da múltipla holística. As Grupoterapias de embasamento psicanalítico são influenciadas pelas escolas freudianas ortodoxas, os teóricos das relações objetais (sendo M Klein, Bion e Winicott), a psicologia do self e o estruturalismo de Lacan. A corrente psicodramática tem como fundador Jacob Moreno. A teoria sistêmica assume o pressuposto de que os grupos funcionam como um sistema e, portanto, ocorre uma constante interação, complementação e suplementação dos papéis assumidos pelos componentes do grupo. A corrente cognitivo comportamental segue postulados básicos da vertente behaviorista. E por fim, a abordagem múltipla holística que é a combinação das abordagens anteriores.

Um grupo terapêutico pode seguir critérios para a sua formação, podendo ser eles: idade, sexo, profissão, entre outros; objetivando a estruturação do mesmo como homogêneo ou heterogêneo. Os grupos heterogêneos são formados por indivíduos que chegaram á psicoterapia de grupo por diversos distúrbios de comportamento ou misto de curiosidades acerca da metodologia de trabalho. Já os grupos homogêneos, ou institucionais, apresentam fatores comuns a seus integrantes como enfermidades e nível intelectual (MINICUCCI 2009).

Podem ainda seguir o critério de ser um grupo aberto ou fechado. Castilho (2002, p. 16) define:

É considerado um grupo aberto aquele em que, com a saída de um participante, outro preenche o seu lugar. O grupo fechado caracteriza-se por um contrato grupal, onde se estabelece o prazo de vida do grupo, e uma vez iniciado, já não há possibilidade de entrada de novos elementos e, teoricamente, aqueles que pertencem ao grupo não poderão sair até a data aprazada.

A formação de grupos faz parte da vida cotidiana há milhares de anos, uma vez que somos seres de cultura e, portanto, utilizamos dos grupos como espaço para comunicação e interação, o que nos permite representar as diferentes facetas que a personalidade pode assumir. Dentro desse contexto, a psicologia auxilia no desenvolvimento do sujeito ao proporcionar, por meio das psicoterapias de grupo, um espaço para fala e escuta. Nesse espaço, pela interação entre os membros do grupo, é possível criar as seguintes características: o setting, os objetivos grupais e a estruturação do tempo. Tais características, aliadas a um terapeuta coordenador, possibilitam a emergência de temas comuns e que necessitam de elucidação para os sujeitos. Afonso (2006, p. 11) nos fala de:

Grupo como campo de forças, cuja dinâmica resulta da interação dos componentes em um campo (ou espaço) psicossocial. O grupo não é uma somatória de indivíduos, portanto, não é o resultado apenas das psicologias individuais e, sim, um conjunto de relações, em constante movimento.

Portanto, é possível afirmar que a formação do grupo é, ao mesmo tempo, a premissa para iniciar um processo de grupoterapia ou grupo operativo e o fator terapêutico, uma vez que esse fator é gerado dentro do próprio meio e torna-se propulsor para a melhoria da condição dos indivíduos envolvidos no processo. Afonso (2006) afirma que o terapeuta deve ser focado em uma demanda que o grupo se proponha a elaborar, não se limitando a uma reflexão racional, pelo contrário, envolvendo os participantes de forma integral, conduzindo-os a pensar, sentir e agir.

2.3 Associação dos Aposentados e Pensionistas de Lavras (AAPIL)

2.3.1 Breve histórico

Fundada em 19 de abril de 1999, por Nastenka Georgina Ferreira, juntamente com uma equipe de membros fundadores, a AAPIL surgiu da necessidade de um grupo de aposentados e pensionistas frente à luta pelos seus interesses. O grupo, inicialmente

pequeno, hoje conta com mais de seis mil associados, entre eles aposentados, pensionistas, idosos e seus dependentes.

De acordo com a presidenta, Nastenka, o objetivo da AAPIL é expandir o atendimento as cidades e municípios da região. No dia 03 de maio de 2000, essa associação foi declarada de utilidade pública municipal, pela Lei n 2537 e hoje faz parteda Federação de Aposentados de Minas Gerais e da Confederação Nacional de Aposentados.

A sede Administrativa da AAPIL se localiza na Rua Francisco Sales, 289, no centro da cidade de Lavras MG, porém a maioria das atividades oferecidas pela associação são realizadasem outra unidade, na Rua Álvaro Botelho, 451, também no centro de Lavras. Há ainda uma unidade em Bom Sucesso, MG. Na unidade da Rua Álvaro Botelho, encontra-se um amplo salão, consultórios médicos e academia. São oferecidos aos associados e seus dependentes, yoga, dança, ginástica, musculação.

A AAPIL oferece atualmente aos seus associados convênios com médicos, psicólogos, fisioterapeutas, podólogos, terapeutas alternativos, dentistas, nutricionistas. Existem atividades e serviços gratuitos, além dos convênios. Há uma programação de atividades esporádicas, como caminhadas, bailes, excursões e eventos com o objetivo de interação.

Hoje, funciona como uma Organização Não Governamental do terceiro setor. Não recebe doações do poder público e não tem isenção de impostos. É mantida com as mensalidades dos associados, sendo que essa mensalidade é estabelecida de acordo com critérios internos da associação.

2.3.2 Sobre a terceira idade

Em todo o mundo, o número de pessoas com 60 anos ou mais está aumentando rapidamente. Segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), em 2031, o número de idosos chegará a 43,3 milhões, o que tornará o Brasil, um país de idosos. Sob essa perspectiva, torna-se importante refletir sobre as condições em que essa população envelhecerá.

De acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, o significado da palavra velhice é um “estado ou condição de velho; idade avançada” (HOUAISS, 2001, p. 1929). Por ser uma definição limitante, percebe-se uma busca por termos que sejam, culturalmente,

considerados mais adequados para designar essa fase da vida. Tais termos, como terceira idade, melhor idade, amadurecer ou idade madura, são empregados com a intenção de dissociar a velhice dos aspectos negativos que lhe são peculiares, mascarando o preconceito e negando a realidade sobre a condição do idoso pela sociedade e por eles mesmos. Aceitar a velhice como condição de vida é pensar além de toda a problemática que o termo evoca.

Para os estudiosos do envelhecimento, é possível categorizar os idosos em três grupos, sendo: o idoso jovem, termo que se refere a pessoas de 65 a 74 anos e que ainda costumam estar ativas e saudáveis; o idoso velho, que compreende pessoas com idade 75 a 84 anos; e o idoso mais velho, pessoas de 85 anos ou mais e que têm maior tendência para doenças, dificuldade na mobilidade e para desempenhar tarefas do dia a dia (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Mesmo que seja bastante usual esse tipo de categorização em grupos etários, pesquisas demonstram que é possível encontrar idosos jovens bem incapacitados por enfermidades e com alta dependência para a realização de suas atividades; outras, aos 85 anos, estão saudáveis, em boa forma física, gozando de plena autonomia (BEE, 1997). Perceber essa discrepância é importante para compreender que há vários fatores a serem considerados em relação ao processo de envelhecimento, o que o torna uma experiência individual, não vinculada apenas a marcos etários.

Outro critério bastante utilizado para categorizar a velhice é o da idade funcional, que leva em consideração o funcionamento do idoso nos contextos nos quais está inserido em comparação a outros de mesma idade cronológica. Nesse sentido, jovens idosos podem estar vivendo em condições similares a idosos mais velhos ou até mesmo idosos mais velhos podem ser considerados funcionalmente mais jovens por estarem em boas condições físicas, sociais e psicológicas (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Dessa forma, as categorias apresentadas e a distinção entre elas auxiliam na compreensão de que o processo de envelhecimento não se relaciona apenas ao avanço da idade cronológica, mas a vários outros fatores, como a forma como se vive e se administra a própria vida no presente e de expectativas futuras, vivências passadas e estilo de vida. A integração entre todas as vivências pessoais, sociais e culturais é que vai determinar a qualidade de vida que o idoso gozará à medida que for envelhecendo.

A visão do envelhecimento, no Brasil, como fase da vida em que há perdas e surgimento de doenças tende, com o passar dos anos, a mudar para uma concepção de maior valorização do idoso, visto que essa população está aumentando. A partir dessa perspectiva, é

necessário que sejam criadas e efetivadas estratégias com a finalidade de garantir o acesso a atividades que propiciem a oportunidade de a população envelhecer de maneira mais saudável, possibilitando o reconhecimento de que o idoso é protagonista da própria existência e atuante no processo de construção de sua identidade.

2.3.3A Experiência: A Intervenção no grupo da AAPIL

2.3.3.1 Demanda

O presente trabalho, junto à AAPIL, surgiu a partir de um grupo de reflexão que já ocorria na instituição, com alunos do UNILAVRAS. A partir da observação das dinâmicas realizadas por esse grupo de alunos, que estavam por formar, vimos a possibilidade de dar continuidade ao grupo, porém de uma maneira mais significativa, onde poderíamos trabalhar questões individuais por meio do grupo.

De acordo com Foulkes citado por Zimerman (2000, p.73), “uma situação grupal pode ser comparada a uma sala de espelhos, onde cada indivíduo pode entrar em contato com seus aspectos psicológicos e sociais que estão refletidos nos demais pertencentes ao grupo”.

Assim sendo, destacamos a dinâmica de formação grupal como um rico campo para o desenvolvimento de competências importantes e necessárias para o psicólogo, por contemplar vivências em processos grupais que serão indispensáveis em todas as áreas de atuação da psicologia, justamente por se tratarem de processos básicos das relações humanas, como a formação de vínculos, o processo de transferência e contratransferência, o sentido de pertencimento, os relacionamentos, a comunicação, a identidade grupal, os papéis, os perfis de liderança, entre outros.

O leque de aplicação das atividades grupais é extenso e podemos perceber o quanto denominações diferentes podem estar se referindo a uma mesma finalidade grupal e, muitas vezes, a prática grupal permite a criação de novas táticas, inclusive com a combinação de algumas delas, o que pode gerar uma confusa rede conceitual. Se formos consultar a literatura que reporta aos grupos psicoterápicos, podemos verificar que não há um corpo teórico-técnico específico. Podemos citar cinco fontes: “a psicanalítica, a psicodramática, a da teoria sistêmica, a da corrente cognitivo-comportamental e, além delas, a grupoterapia de abordagem múltipla holística, a qual consiste no emprego de certa combinação das anteriores” (ZIMERMAN, 2000, p. 95).

Segundo Baremlitt (1982, p. 189), na história das técnicas grupais ocorreu a seguinte evolução na forma de tratamento:

Primeiro houve a psicoterapia pelo grupo, no qual se utilizavam técnicas de sugestão e identificação para alcançar os objetos desejados; em seguida, a psicoterapia em grupo, na qual o terapeuta ou o analista tratava individualmente cada membro na presença dos demais, e, por último, a psicoterapia do grupo, em que o inconsciente grupal aparece tal como uma unidade, com seus fantasmas e ansiedades.

O trabalho grupal realizado na AAPIL retrata um trabalho de dois semestres, cada qual com o desenvolvimento de uma temática diferente, em face de uma necessidade grupal, que se especificou no decorrer das propostas apresentadas. Em um primeiro momento, houve uma atividade interpretativa dos relatos de cada um, ou seja, privilegiamos as individualidades e, a partir destas, abrangemos a generalidade do grupo, acontecendo a valorização da contribuição e da participação de cada indivíduo. Num segundo momento, optamos, em razão da necessidade do grupo, por assinalamentos e interpretações dirigidas separadamente a cada paciente em particular, utilizando o grupo como instrumento.

Para Zimerman (2000, p. 145), “o enquadre grupal varia muito com o objetivo a que se propõe a grupoterapia. Contudo, seja qual for o caso, ele deve, sempre, preservar ao máximo as combinações feitas”. O grupo iniciou-se de uma maneira aberta nas três primeiras sessões, onde foram trabalhadas dinâmicas de apresentação, para levantamento de temas geradores e oficina de memória. Foi de muita importância este primeiro momento, pois por meio da motivação individual e da transferência ocorreu uma seleção da demanda, sem a qual o processo terapêutico não teria como acontecer. A partir desse momento, foi proposto um grupo fechado, para que o trabalho fosse mais voltado a cada uma das pessoas do grupo, configurando a grupoterapia. O grupo passou, então, a contar com seis componentes, mulheres, com idades entre 60 a 75 anos, com exceção de uma que tinha 52 anos, mas que se encaixou no grupo. A partir dos temas geradores, foi feita uma análise da demanda do grupo e identificados os elementos psicossociais que precisavam ser trabalhados.

Segundo Zimerman (2000), os grupos homogêneos são aqueles em que os participantes apresentam algum tipo de necessidade ou critérios em comum como idade, gênero e outros. O planejamento das atividades enviado para aprovação e divulgação na AAPIL pode ser verificado no ANEXO A.

“A tarefa na terapia de grupo é se envolver em uma comunicação significativa com os outros membros do grupo, revelar-se, dar feedback válido e examinar os aspectos ocultos e inconscientes dos próprios sentimentos, comportamentos e motivação” (YALOM; LESZCZ,

2006, p. 197).

Seguindo os achados de Lewin (1978), sobre os efeitos favoráveis da cooperação e da solidariedade nas relações interpessoais para a eficácia grupal, Schutz (1989) formulou uma teoria sobre as necessidades interpessoais e sua relação com os objetivos grupais.

Para ele, as pessoas, em um grupo, não consentem em integrar-se, senão a partir do momento em que certas necessidades podem ser satisfeitas. O autor postula que o ser humano que se reúne em grupo tem, em maior ou menor grau, necessidades específicas e que é apenas no grupo e pelo grupo que essas necessidades podem ser satisfeitas. Ele identificou três necessidades interpessoais típicas: necessidades de inclusão (interação com outras pessoas, manter contato, travar conhecimentos, comunicar-se, participar de encontros e cultivar o companheirismo e a cooperação), necessidades de controle (estabelecimento de relações de comando e de autoridade (poder)) e necessidades de afeição (estabelecimento de relações afetivas, de sentimentos íntimos e particulares e de contatos amistosos não indiscriminados, mas efetivos). Essas necessidades são experimentadas por todas as pessoas, ainda que em graus diferentes (SCHUTZ, 1989).

Observou-se, durante o primeiro semestre, a necessidade dos componentes em encontrar pessoas que pudessem criar uma relação dialógica, de maturidade e sinceridade, favorecendo, assim, as suas manifestações, dando voz a eles e valorizando lhes a história pessoal. A experiência de vida é fator relevante para eles em tudo que lhes é proposto. Os idosos, geralmente querem compartilhar suas histórias. A motivação e assimilação do que foi trabalhado logo foi aplicada e presenciou-se uma dinâmica em que os novos conhecimentos pareciam dar brilho à vida de cada um deles, tornando-a significativa e prazerosa.

2.3.3.2 O Processo Grupal

Trata-se do relato da experiência sobre a realização de grupo terapêutico com a finalidade de auxiliar as participantes no enfrentamento dos desafios do envelhecimento e na descoberta de suas potencialidades, promovendo o resgate da autonomia e fortalecendo a integração social, bem como, oferecendo um espaço em que as participantes se sentissem acolhidas e seguras para compartilharem suas experiências de vida. O grupo é voltado para idosos associados à AAPIL, que buscam alternativas para um envelhecimento mais ativo e com qualidade de vida. Quando iniciamos o estágio em Psicologia Social, no segundo

semestre de 2018, o grupo já existia e era coordenado por alunas do décimo período do curso de Psicologia.

Começamos a participar dos encontros com o objetivo de observar o desenvolvimento das atividades e nos familiarizarmos com os integrantes a fim de, no semestre seguinte, nos tornarmos coordenadoras do grupo. Nessa época, faziam parte das reuniões, aproximadamente, dez pessoas. Esse número não era constante, por se tratar de um grupo aberto, ou seja, as pessoas podiam participar quando quisessem, embora percebêssemos que já havia pessoas que demonstravam comprometimento com as reuniões, procurando estarem sempre presentes. No primeiro semestre de 2019, quando começamos a coordenar o grupo, mantivemos a mesma periodicidade dos encontros, porém propusemos que, nos três primeiros encontros, o grupo ficaria aberto para quem quisesse participar e, após esse período, não haveria mais possibilidade de ingresso de novos membros. Inicialmente, essa informação não foi muito bem aceita, houve resistência por parte de alguns membros, pois estávamos propondo algo novo que mudaria a estrutura do que já era conhecido por elas. A partir do terceiro encontro, fechamos o grupo com seis integrantes que demonstraram interesse em permanecer.

Foram realizados encontros semanais, com duração aproximada de uma hora, entre os meses de abril a junho do primeiro semestre de 2019, perfazendo um total de dez encontros. As atividades foram desenvolvidas por meio de oficinas com atividades para estimular a memória, promover o fortalecimento do vínculo entre os membros, rodas de conversa e dinâmicas de grupo. Todos os encontros foram registrados com a descrição das atividades, o desenvolvimento, os objetivos e as vivências mais significativas daquele dia. À medida que o grupo se fortalecia, começamos a criar oportunidades para facilitar o relato de experiências do passado que foram significativas e que ainda interferiam no presente das participantes. Sempre ressaltando a importância do sigilo, do respeito pela história de vida do outro e da empatia ao participar das vivências compartilhadas.

Para Cartwright e Zander (1975, p.23):

A expressão “dinâmica de grupo” popularizou-se após a segunda grande guerra e tem três empregos mais conhecidos: numa concepção ideológica; como um conjunto de técnicas aplicadas ao grupo destituídas de articulação teórica; e o estudo dos grupos, de sua essência e funcionamento.

As dinâmicas constituem uma forma lúdica de estimular a reflexão e o contato com experiências passadas que foram significativas para cada uma das participantes. Motivam, despertam o desejo de falar sobre suas necessidades, suas expectativas em relação à vida e a

seus conflitos pessoais. Após as atividades, os idosos ficavam mais atentos e também mais propensos para participar das discussões sobre o tema tratado.

Osório (2007) se recorreu a Kurt Lewin, para resaltar a dinâmica de grupo como um dos pilares das terapias grupais e que é de extrema importância ao observador a participação da vivência grupal para que os fenômenos grupais se tornem inteligíveis e continua afirmando que Lewin também observou que a integração no interior de um grupo só se dará quando as relações interpessoais estiverem baseadas na autenticidade de suas comunicações e que isto ocorre com o aprendizado no e pelo grupo.

Sobre as rodas de conversa, é importante destacar seu papel como forma de proporcionar uma experiência dialógica entre os membros e também de ser capaz de propiciar a construção de conceitos a partir dessa experiência. Afonso e Abade (2008) destacam que as rodas de conversa têm seu fundamento metodológico alicerçado nas intervenções psicossociais, ou seja, são uma excelente estratégia para o trabalho em grupos, por possibilitar que as pessoas consigam expressar, à medida que se sentem seguras, seus conflitos, medos e expectativas, buscando superá-los.

De acordo com Zimerman (2000, p.117), “existem três aspectos que se constituem como a coluna-mestra na formação dos processos inconscientes que gravitam no campo grupal, a ansiedade, a defesa e as identificações”. A seguir, serão apresentadas breves descrições das atividades desenvolvidas nos dez encontros.

No primeiro dia, em uma roda de conversa, orientamos sobre o enquadre – o horário, a periodicidade, o compromisso, o procedimento em relação às faltas e o sigilo sobre os assuntos relatados durante as sessões. Posteriormente, fizemos o levantamento das temáticas de interesse das participantes e a apresentação da proposta de trabalho. Os temas sugeridos no momento foram sobre a dependência emocional, as dificuldades encontradas no relacionamento com os filhos e a perda de autonomia em decorrência da idade.

No segundo encontro, realizamos a dinâmica *Estrela de Cinco Pontas* cujo objetivo foi o de desenvolver uma reflexão sobre o tema envelhecimento. Cada participante recebeu uma estrela e em cada ponta deveria registrar por escrito aquilo que observa, o que pensa, o que sente, como gostaria que fosse e o que faz em relação ao envelhecimento. Ao final, cada membro compartilhou suas percepções com o grupo o que possibilitou a troca de experiências sobre os conteúdos trazidos.

No terceiro dia, propusemos o *Jogo da Memória Viva*, uma atividade que teve como

objetivo de despertar os membros para a importância de se exercitar a memória no dia a dia. Cada participante deveria observar os objetos expostos em uma mesa durante um período de tempo definido e, posteriormente, fazer uma lista com todos os objetos dos quais se lembrassem. À medida que concluíam a tarefa, novos objetos eram apresentados para que memorizassem. Encerrada a atividade, cada um fez sua avaliação sobre a dinâmica e sobre o medo e a preocupação que sentem em relação à perda da memória e o que isso pode acarretar em suas vidas.

A dinâmica *Como Falar sobre Algo que Eu Não Vivi?* foi desenvolvida no quarto encontro com o objetivo de promover uma discussão sobre filhos e possibilitar a reflexão sobre fatos importantes acontecidos na vida familiar e as diferentes formas de se lidar com eles. Essa atividade proporcionou a oportunidade de cada participante colocar-se no lugar da outra, percebendo as particularidades das experiências compartilhadas. Cada uma recebe uma ficha com um fato escrito, em seguida uma delas deve começar a narrar uma história em terceira pessoa baseada no fato escrito na ficha que recebeu. Na sequência, outra pessoa continua a narrar a história, acrescentando o seu fato até que todas tenham participado. Para encerrar, pedimos que falassem sobre fatos similares que tenham vivenciado, comparando-os com o modo como eles aconteceram na história criada pelo grupo.

Carrijo e Rasera (2010) relatam um estudo de caso orientado na perspectiva construcionista social e utilizando os pressupostos da terapia narrativa, apontando que uma pessoa em atendimento de terapia em grupo pode refletir sobre as possibilidades de autonomia e independência por meio da narrativa de sua história:

O terapeuta assume uma postura de engajamento na narrativa das pessoas atendidas de forma a valorizar e se interessar pelos conhecimentos e sentidos, à medida que são criados e vivenciados pelas pessoas em suas conversas; isto é, o saber profissional deve ser uma ferramenta por meio da qual o terapeuta cria com as pessoas que atende novas possibilidades tanto para suas vidas quanto para o saber-fazer do profissional (Carrijo e Rasera, 2010, v.22, p. 135).

No quinto encontro, desenvolvemos a dinâmica denominada *Caixa de Pandora*. Daremos destaque a essa atividade, visto ter sido muito significativa para uma das participantes. Cada uma foi estimulada a retirar de uma sacola algum objeto percebido apenas pelo tato e, posteriormente, relatar alguma memória que aquele objeto evocasse, possibilitando uma oportunidade para conhecer uma história de vida de cada uma. A participante C. A. retirou da sacola uma xícara e disse que o objeto lembrava uma história vivida na infância com sua avó e sua mãe. Segundo seu relato, a experiência foi muito

dolorosa e que, posteriormente, ela só usava xícara na casa de outras pessoas e, segurando com muita força, com cuidado para não deixar cair. As memórias relacionadas ao objeto fizeram com que ela, durante sessenta anos, o evitasse. Muitos comentários e sugestões surgiram para que C. A. conseguisse dar outro significado para o objeto, rompendo com as memórias que ainda a faziam sofrer. Para C. A., voltar ao passado e relatar sua experiência foi muito significativo e, a partir de então, segundo ela, conseguiu abrir um jogo de xícaras antigo, guardado há alguns anos, e colocá-lo em uso. Essa mudança de comportamento foi possível por meio da oportunidade de atualizar sua experiência, dando um novo significado para ela e rompendo com a amargura que as lembranças antigas lhe traziam.

A interpretação é de extrema importância em um grupo terapêutico, porém de acordo com Zimmerman (2008), o terapeuta não pode se satisfazer unicamente com a adequação de sua interpretação, visto que é fundamental que ele esteja atento para o destino que ela tomara dos pacientes, de acordo com a possibilidade de que determinados pacientes tenham uma constante atitude de negação, de se recusarem a conhecer as verdades penosas e, assim, inconscientemente, desvitalizam tudo o que foi assinalado pelo terapeuta.

A dinâmica *Coração Partido*, no sexto dia, foi desenvolvida com o objetivo de incentivar os membros a expressarem suas emoções por meio do relato de suas vivências. Inicialmente, o grupo ouviu uma história que falava sobre um concurso para premiar a pessoa com o coração mais bonito. Após analisarem os corações que se candidataram, todos foram unânimes ao declarar que o coração mais bonito era de um homem idoso, pois seu coração carregava as marcas de todos os afetos vividos. Na sequência, cada uma falou sobre as emoções experienciadas ao longo da vida e as marcas que carregam no coração. Essa foi uma oportunidade em que elas puderam falar sobre acontecimentos que deixaram marcas profundas e a maneira como conseguiram superá-los.

Nessa dinâmica, a participante V. conseguiu expressar alguns conflitos que a incomodam desde a época em que se separou do marido. Seu filho não aceitou a separação e a partir de então rompeu relações com a mãe, evitando contato por anos e a ignorando totalmente. Sua história foi compartilhada em meio a um choro profundo, reação que nos surpreendeu bastante, em razão da postura resistente de V. nos outros encontros. Segundo ela, a rejeição do filho a machucava muito, mas foi a primeira vez que conseguiu falar sobre essa experiência com alguém.

De acordo com Zimmerman (2008), em seu artigo para a revista da SPAGESP, a

resistência indica uma forma de comunicação não verbal, portanto ela pode tornar-se um excelente instrumento para o terapeuta poder entender melhor o que, como e para que o paciente está ocultando consciente ou inconscientemente. Essa forma dese proteger, de ser mal entendido pelo grupo, ou desqualificado, rejeitado, humilhado e sentimentos afins, representativos de antigos traumas infantis que permanecem negados, porém ainda estão ativos.

No sétimo encontro, realizamos uma roda de conversasobre o tema *Não Tampar o Sol com a Peneira*, com o objetivo de promover uma reflexão capaz de gerar mudanças saudáveis no dia a dia de cada uma. Foi proposto que montassem um quebra-cabeça com a frase “*Quando a boca cala o corpo fala, quando a boca fala, o corpo sara*”. Após a montagem, as participantes tiveram oportunidade de conversar sobre a frase e a importância de expressar suas emoções a fim de promover a saúde física e mental.

Figura 1 - Quebra-cabeça da dinâmica “Não tampar o sol com peneira” finalizada.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

No oitavo dia, desenvolvemos a dinâmica *Emoções* com o objetivo de proporcionar um debate sobre a importância de reconhecer as emoções, entendê-las e aprender a lidar com cada uma delas. As participantes receberam papéis com o nome de algumas emoções. No meio da

roda, foi colocada uma mala aberta e uma cesta de lixo. Elas deveriam decidir se a emoção que estava em seu papel deveria ser levada dentro da mala ou jogada dentro da lixeira. Durante a execução da dinâmica, elas deveriam explicar o motivo de guardar a emoção na mala ou não. Essa atividade gerou uma discussão bastante rica sobre a dificuldade de lidar com as emoções consideradas ruins. Ao final, as participantes sugeriram que continuássemos a conversar sobre esse tema no próximo encontro mais especificamente sobre a dependência emocional.

No nono encontro, fizemos uma roda de conversa dando continuidade ao tema da semana anterior, destacando a questão sobre dependência emocional. Cada uma teve oportunidade de ouvir e ser ouvida, trocando ideias, concordando e discordando dos outros membros. Nesse dia, foi possível perceber que o grupo estava mais amadurecido, lidando de forma mais receptiva com as argumentações e opiniões umas das outras.

O último encontro foi dividido em três momentos: o primeiro para que as participantes fizessem uma avaliação verbal sobre o grupo, o segundo para uma troca de mensagens entre os membros, o terceiro para uma formatura simbólica e, por último, um café coletivo do qual todos participaram. Ao final, distribuímos certificados de participação e lembranças para cada uma.

Figura 2 - Encerramento dos encontros – AAPIL.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Ao longo dos dez encontros, foi possível observar os membros assumindo de forma bem aparente alguns papéis dentro do grupo. Dentre estes papéis, destacamos o Porta-Voz, o Instigador, o Sabotador, o Apaziguador e o Líder.

Zimerman (2000), nos mostra que, em todo grupo terapêutico, como ocorre em qualquer sistema familiar, institucional ou social, há uma disposição de papéis e posições. E que em cada um desses papéis, a expectativa, a necessidade e crenças de cada um que compõe o grupo se condensam. Ele ressalta que a importância desse fenômeno é que o indivíduo executa esses mesmos papéis nas diversas áreas de sua vida.

De acordo com Zimernam (2000, p. 86):

Há no grupo terapêutico uma estrutura que predispõe o surgimento de papéis e posições que se alteram quando ocorre uma boa evolução grupal, conforme as necessidades e crenças irracionais de cada indivíduo e que são capazes de alcançar as fantasias comuns ao grupo.

Compreende-se a partir da evolução do processo grupal, que os papéis assumidos pelos participantes frente às tarefas propostas não eram fixos e nem estereotipados, apresentando flexibilidade. Entre os diversos papéis apresentados na literatura de terapia grupal, destacamos cinco que se evidenciaram, durante a terapia de grupo na AAPIL, sendo o Porta-voz, a pessoa responsável por denunciar as necessidades inconscientes do grupo, por meio da linguagem verbal e não verbal; o Instigador aquele que costuma fazer intrigas e, muitas vezes, prejudica a dinâmica grupal; o Sabotador cria obstáculos e é resistente a mudança; já, o Apaziguador, é conhecido como aquele que ameniza situações conflituosas; e por último o Líder, é pessoa que mantém uma comunicação saudável verbal e visual com os integrantes do grupo.

Os papéis de Porta-Voz, Instigador e Líder do grupo eram alternados entre duas participantes, de forma bem clara em quase todos os encontros. Uma delas desempenhou também o papel de Sabotadora e as demais participantes assumiram, quase sempre, o papel de Apaziguadoras, demonstrando uma tendência a evitar conflitos não só no grupo, mas também em outras áreas da vida.

2.4 Associação Conquista de Pessoas com Deficiência (ACPD)

2.4.1 Breve Histórico

A ACPD é uma entidade civil, beneficente, sem fins econômicos, com o objetivo de promover a cidadania de pessoas com deficiência, por meio de atividades socioculturais e mobilizar a sociedade, propiciando uma maior integração entre as pessoas com deficiência e a sociedade em geral. A associação iniciou seus trabalhos em 2004. Em 2008, instituiu-se como entidade regulamentada e em 2009 foi reconhecida como de utilidade pública municipal, de acordo com a Secretaria de Esporte, Lazer, Turismo e Transporte de Lavras.

A associação surgiu, por meio da demanda de apenas uma (1) mãe, que enfrentava muitas dificuldades em relação aos serviços públicos prestados na localidade, pois essa mãe não possuía acesso qualificado de atendimento das demandas psicossociais de seu filho com Síndrome de Down.

Partindo da perspectiva dessa ausência de serviços qualificados, a mãe iniciou atividades propensas ao desenvolvimento do filho, dentro da própria casa, ao longo do tempo vieram outras mães e outros portadores de deficiência, em comum a carência de serviços qualificados, adequados disponíveis para pessoas portadoras de deficiência e seus familiares.

O número de pessoas participantes foi aumentando ao ponto de que os encontros e atividades tiveram que ser realizados em um lote próximo, um espaço aberto para executar as atividades. Hoje, a associação funciona em um local cedido pela Prefeitura Municipal de Lavras, conhecido como “SELT”, ainda, a prefeitura também disponibilizou funcionários para atender a esse público, segundo a responsável pela associação.

2.4.2 A experiência: A intervenção no grupo da ACPD

2.4.2.1 Os acompanhantes

Os acompanhantes são as pessoas que levam as pessoas com deficiência até a associação para realizar as atividades. Dentre esse público de acompanhantes, há mães de usuários da associação, cuidadores remunerados pela própria família da pessoa com deficiência, padrasto, primo, irmão, entre outros. O perfil dos acompanhantes é muito variado, tanto na relação afetiva que eles possuem com a pessoa com dor de deficiência e como em questões de gênero, idade e classe socioeconômica.

2.4.2.2 Demanda

As pessoas com deficiência (PCD), usuárias, possuem um atendimento direcionado na associação, porém os acompanhantes desses usuários não possuíam atendimento, ficando esses, na maior parte do tempo, ociosos, sentados, enquanto os usuários faziam as atividades de rotina na Instituição. A princípio havia três públicos para aplicar as intervenções psicossociais, os usuários acompanhantes e trabalhadores cedidos pela Prefeitura Municipal de Lavras. O público de Acompanhante foi escolhido para a realização de intervenções psicossociais.

Diante dessa perspectiva, surgiu a parceria da Associação Conquista de Pessoas com Deficiência com os alunos do curso de Psicologia do UNILAVRAS, sendo ofertado campo de estágio na associação sob supervisão da professora mestre Rafaela Campos. Sabendo que a Associação Conquista não tem condições financeiras para contratar uma profissional de psicologia para atuar no campo psicossocial, foi oferecido como parte da disciplina de estágio IV desenvolver atividades que suprissem as demandas desses públicos.

2.4.2.3 O Processo Grupal

Deparando-nos com a demanda, optamos por trabalhar com o modelo de Grupo Operativo aberto. No Grupo Operativo aberto é lícito que as pessoas saiam e entrem no grupo, quando desejarem. Conforme explicam Zimerman e Osório (1997), o grupo aberto tem como objetivo facilitar a transição do sujeito, deixando-o livre, para que possa ter sua autonomia e tomar suas próprias decisões, o grupo aberto então se mostra como uma forma grupal com menor rigidez.

O grupo operativo foi criado e se constituiu com a participação de 15 (quinze) pessoas, sendo 12 (doze) mães de usuários, 3 (três) acompanhantes particulares e 1(um) padrasto. Para trabalhar com esse público, foi selecionado para implantação o modelo de Grupo Operativo, pois na falta de um profissional formado em Psicologia para conduzir a demanda, o grupo poderia operar sozinho, possuindo autonomia, liberdade e organização o suficiente para gerir os conflitos sem que houvesse a dissolução das relações e o fim do grupo.

No total, foram oito (8) encontros, desde o encontro inicial até o encontro de encerramento. No primeiro (1º) encontro foi realizada uma escuta de demanda dos

acompanhantes, uma sondagem, para que pudéssemos ter o foco necessário para realizar as atividades. As demandas foram colhidas, sendo que a mais frequente no grupo foi a questão de autovalorização, autoimagem, autocuidado. No segundo (2º) encontro, como estratégia de estabelecimento de relações afetivas entre os membros do grupo, foi trabalhada uma dinâmica para dar nome aquele grupo que se iniciava e as demandas trazidas, no primeiro encontro, seriam trazidas posteriormente.

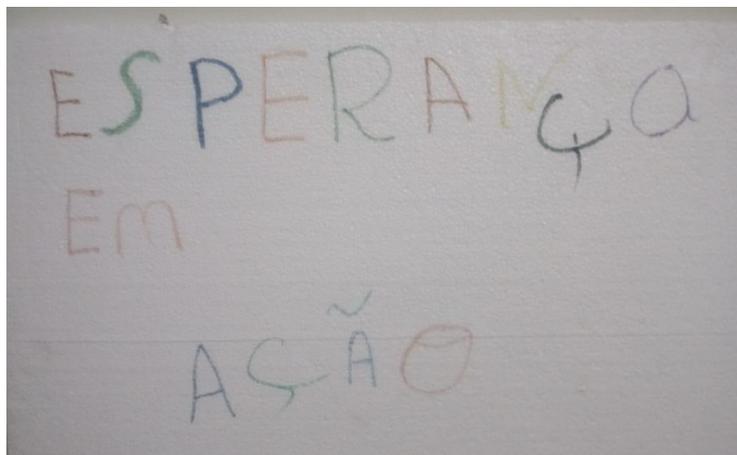
Nesse sentido, no segundo (2º) encontro, foi proposto aos acompanhantes que pensassem em nomes que poderiam representar o grupo. No encerramento da reunião, foi proposto que cada um pensasse em um nome o qual representasse aquele grupo e a vida que eles levavam, e esse nome seria apresentado na próxima reunião, onde haveria uma votação entre os membros e assim seria definido o nome do grupo.

No terceiro (3º) encontro, os acompanhantes estavam agitados, em razão de grande movimentação do lado de fora da sala por conta dos jogos e também por atrasos. Para diminuir a tensão, foi realizado um exercício respiratório de relaxamento, então daí se deu início ao encontro, sendo perguntando aos acompanhantes qual fora o nome que eles escolheram e porque escolheram tal nome.

Quando foi feita a pergunta, de início, durando uns 2 minutos, houve silêncio, até que uma acompanhante se manifestou, falando o nome do grupo e explicando o porquê daquele nome ser digno de ser dado ao grupo. As outras acompanhantes se sentiram encorajadas e também falaram os nomes que pensaram e porque tal nome deveria ser o nome do grupo.

Ocorreu que nenhum nome trazido já pensado não foi escolhido, mas o grupo, discutindo entre si, escolheu o nome. Então, o grupo passou a se chamar Esperança em Ação. Esperança em ação tem 15 letras, cada acompanhante escreveu uma letra num retângulo de isopor, formando a primeira placa de identificação do grupo.

Figura 3 - Placa de identificação do grupo.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

No quarto (4º) encontro, o grupo operativo aberto já havia sido constituído. Nesse encontro, foram trazidas questões sobre acesso aos serviços públicos e carência de transporte para os usuários e também aos acompanhantes. Na reunião, depois de muita discussão, uma acompanhante tomou frente e se comprometeu a verificar a situação do transporte junto à prefeitura.

No quinto (5º) encontro, foram trazidas questões sobre a autonomia e independência dos acompanhantes. Pedimos, então, para que eles falassem sobre o seu tempo livre, o que fazem para se divertir. Nesse encontro, ficou mais transparente que os acompanhantes também são dependentes das pessoas com deficiência das quais eles cuidam, pois as atividades desses acompanhantes, em maioria, são atividades voltadas aos usuários e, ainda, são esses acompanhantes que ficam com os usuários a maior parte do tempo, durante a semana, ocupando a maior parte do seu tempo, e, ao cuidar do outro, acaba negligenciando a própria saúde mental em prol de um terceiro dependente de cuidados.

Como no quinto encontro houve uma demanda muito relacionada à autonomia e independência dos cuidadores, como estratégia foi perguntado a cada acompanhante o que eles faziam para se divertir ou para sentir prazer, situação na qual não podia estar envolvido o

acompanhante. No início, surgiram algumas falas tímidas e os acompanhantes demonstraram a dificuldade que é separar o usuário do cuidador.

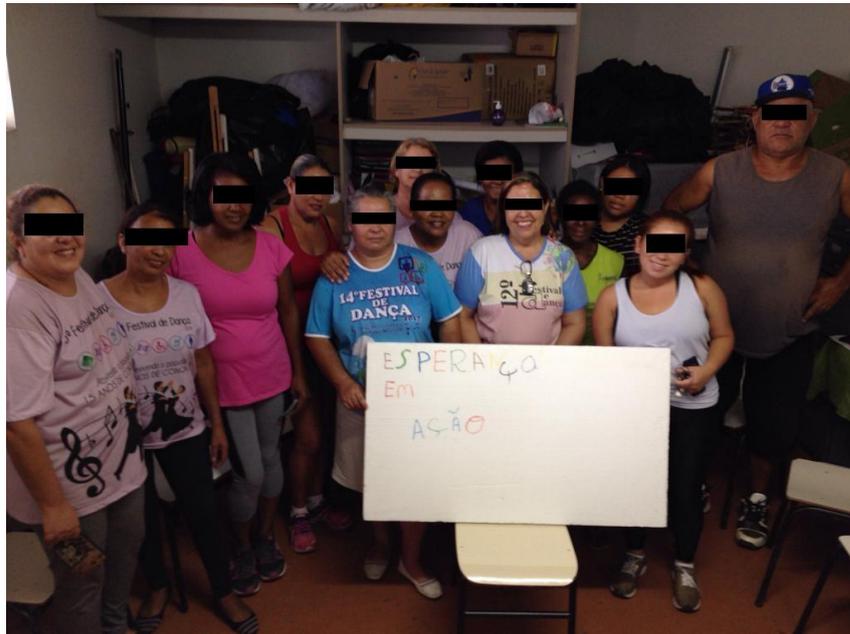
No sexto (6º) encontro, o grupo já estava operando sozinho, ou seja, o próprio grupo já havia estabelecido a relação entre si, os problemas eram levantados, porém os próprios acompanhantes discutiam e traziam soluções, expondo a problemática e a solução para o grupo.

No sétimo (7º) encontro, os próprios participantes começaram a falar de fazer renda extra e trabalho, diante de tal demanda, os acompanhantes falaram sobre como eles trabalhavam, como conseguiam tirar a renda para o sustento da família. Ocorreu uma troca muito grande de experiências, ocorreu até de uma acompanhante descobrir que a outra costurava e sugeriu a ela fazer uma parceria para vender as roupas no brechó, outra participante fazia salgados e sugeriu que a outra vendesse. O grupo, cada vez mais, ganhava autonomia e independência.

No oitavo (8º) encontro e último, foi realizado um levantamento de como era antes e depois da existência do grupo, sendo frisada a importância da união entre os membros e a gestão de conflitos, trocas de experiências. Foi observado que houve grande transformação. Para finalizar, foi explicado aos participantes que eles agora estariam fortalecidos, para seguir com as reuniões, sozinhos e que eles poderiam se reunir como fizemos para gerir tais conflitos sem a ajuda de um terapeuta, sendo o grupo capaz de operar sem a necessidade de um psicólogo, a partir da demanda do próprio grupo, a procura de soluções dentro do próprio grupo.

A partir de tais considerações, nota-se a importância da construção de um grupo operativo, uma vez que o ambiente se mostrou cheio de desafios e barreiras a serem transpassadas. Portanto, a Associação Conquista, é um espaço de quebra de barreiras. O enfoque em grupos com respaldo com uma fundamentação teórica mostra-se de grande relevância e importância para grupos desse tipo, dentro de outros grupos que não possuem um psicólogo no quadro de colaboradores.

Figura 4 - Grupo reunido com a placa de identificação.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

3 AUTO AVALIAÇÃO

O estágio na AAPIL foi um momento de grande aprendizagem para mim, Juliana Salles Lopes. Acredito que a construção de uma identidade é interminável, assim como a vida é um caminho de riquezas inesgotáveis. Durante este período, aprendi o quão importante é a escuta ativa, ter firmeza e afetividade ao mesmo tempo, o caminho para se chegar ao objetivo, a reelaboração de processos dolorosos e o poder seguir em frente por meio de uma atitude de mudança, enfrentando medos e obstáculos. Trabalhar a resistência dos componentes do grupo, por meio das diversas formas de posicionamento do paciente como o silêncio e o discurso intelectualizado como formas de resistência ao afeto, encontrando o manejo para cada um deles foi uma tarefa difícil e ao mesmo tempo desafiadora. Este trabalho exigiu muitas habilidades e conhecimentos que não faziam parte do meu exercício profissional. Para esta aquisição, foi preciso me organizar em relação às intervenções e avaliá-las frequentemente, muitas vezes, pelo próprio *feedback* dos participantes. A mim, coube controlar a ansiedade, esperar a hora certa de intervir, adquirir novas atitudes e habilidades através de teorias específicas. A flexibilidade foi um fator de fundamental importância nesse contexto, contribuindo para que o grupo trabalhasse o individual dentro do coletivo, por meio das sugestões, opiniões, respostas dos próprios participantes, enfim, trocas de experiências. Dentro desse contexto terapêutico, acredito que tive uma experiência com grandes ganhos em relação a minha postura enquanto profissional e também pessoal. Posso dizer que o trabalho em grupo é sem dúvida alguma um grande desafio e aprendizado para o psicólogo.

Para mim, Maíla Rezende Carvalho Magalhães, o estágio supervisionado na AAPIL, está sendo um momento fundamental para a construção do meu desenvolvimento profissional e também pessoal. As atividades desenvolvidas no grupo da AAPIL me fizeram desenvolver e aperfeiçoar algumas habilidades como a capacidade empática; o respeito pela singularidade de cada indivíduo; o manejo social, interpessoal e cognitivo; o pensamento crítico e a comunicação. No trabalho realizado na AAPIL, algumas dificuldades encontrei, dentre todas, as mais desafiadoras foram realizar o manejo e as intervenções de forma adequada, mas que a cada dia, foram sendo vencidas, por meio de estudos e de autoavaliação.

Durante o curso de Psicologia, o estágio na área social foi uma oportunidade de desenvolvimento de competências e habilidades imprescindíveis para mim, Roseléia dos Santos Rodrigues, tanto para o meu crescimento pessoal quanto profissional e para o

aperfeiçoamento da capacidade de aprender, de compreender, de agir e atuar. Lidar com pessoas de diversas formas e em diferentes contextos é um dos desafios da Psicologia que se torna possível por meio dessa disciplina. No estágio, foi possível consolidar conhecimentos adquiridos ao longo do curso, como também desejos que moveram todo o meu percurso, desde o momento da tomada de decisão pelo retorno à vida acadêmica. De maneira especial, o trabalho com o grupo de idosos na AAPIL proporcionou-me conhecer o outro e me reconhecer nele, compartilhando suas singularidades em seu processo de mudança, resultado de relações baseadas no respeito à subjetividade e à capacidade de perceber em cada sujeito a possibilidade de atuar em seus contextos, transformando sua realidade.

Eu, Samara Esthefany Airão, no decorrer do curso e dos estágios realizados, pude notar que foram inúmeras as vezes que precisei reformular conceitos para conseguir olhar para outro ser humano dentro de sua complexidade. De forma específica, o estágio na AAPIL proporcionou-me o contato com idosos e, inevitavelmente, a reflexão sobre escolhas presentes que podem afetar o futuro. O aprofundamento teórico, que se concretizava na prática, foi essencial para o desenvolvimento de uma escuta guiada o mínimo possível por concepções particulares. O contato com um grupo terapêutico foi tardio, considerando o tempo de duração do curso, o que sem dúvidas será um desafio futuro, tendo em vista que experiência com grupos é um diferencial para o profissional do campo da Psicologia. Todavia, considero minha avaliação como ascendente, uma vez que houve um grande desenvolvimento pessoal e profissional ao longo do curso e do estágio na AAPIL.

Vivenciar todo esse processo grupal para mim, Alex Corrêa de Souza, deu-me a oportunidade de verificar as teorias e colocá-las em prática, ainda, desenvolver meios criativos para lidar com os desafios. O campo social se apresenta como uma caixa de surpresas maior que a clínica, é necessário muita criatividade e ponderação para atuar nesse cenário. Essa necessidade de sempre estar transformando, criando, liderando, refletindo, é um aprendizado incrível. Improvisar é uma arte, mas também descobri que é possível fazer do improvisado da arte, uma ciência.

4 CONCLUSÃO

Diante da proposta e realização dessa atividade prática, muitos desafios e aprendizados foram conquistados e, em muito, contribuirão para nossa prática profissional como psicólogos. Em primeiro lugar, nos possibilitou o conhecimento sobre a natureza e formação dos grupos, a inter-relação dos indivíduos que os compõem e com as instituições.

Dentro de um contexto grupal, pudemos sentir a importância do conflito e da competição como elementos para a construção do relacionamento grupal em relação ao próprio indivíduo com suas dificuldades e principalmente à mudança em relação à resignificação de suas vivências pessoais. O indivíduo, ao se perceber como sujeito, se depara com fenômenos possíveis de serem observáveis, como resistência, transferência, projeção e conflitos inerentes ao processo grupal.

Como já discutido anteriormente, no portfólio, verificamos que o processo de cura implicou mudanças significativas e duradouras, propiciando a elaboração, por meio da junção dos insights intelectuais, cognitivos e afetivos e contribuindo para a diminuição de ansiedades, elaboração de perdas, ganhos e novas situações, melhora na comunicação e interação com o desenvolvimento da empatia e da identidade individual e grupal.

Como exposto, o grupo foi a premissa para a formação de uma terapia grupal, e tornou-se também fator terapêutico. As experiências compartilhadas e aprendizados absorvidos, ao longo dos encontros, foram importantes para a identificação das atitudes passíveis de mudança grupal e em cada sujeito. Contudo, a identificação de pontos de melhoria não implica, necessariamente, em mudança de postura. Nesse momento, a condução dos encontros, a postura do terapeuta, intervenções realizadas e compartilhamento de opiniões dos demais participantes tornam-se essenciais no processo.

A partir dessas considerações, percebemos que o trabalho com grupos em seus diferentes contextos representa uma área importante da Psicologia e bastante necessária para o desenvolvimento de propostas psicossociais que busquem a interação do sujeito dentro de práticas que possibilitem a compreensão de sua atuação dentro de sua realidade e a possibilidade de mudança que é um dos objetivos dos processos grupais.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, M. L. M. **Oficinas em Dinâmica de Grupo: Um método de Intervenção Psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.
- ALBUQUERQUE, P. L. Contextualização da terapia de grupo – uma pequena apresentação da história e do desenvolvimento de algumas propostas de trabalhos com grupo. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 216-226, 2011.
- BAREMBLITT, G. **Grupos: teoria e técnica**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- BERSTEIN, M. Contribuições de Pichon-Rivière à psicoterapia de grupo. In: OSÓRIO, L. C. **Grupoterapia hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- CARRIJO, R.S.; RASERA, E.F. Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p. 125-40, 2010.
- CARTWRIGHT, D.; ZANDER, A. **Dinâmica de grupo: pesquisa e teoria**. 2. ed. São Paulo: Editora Herder, 1975.
- CASTILHO, Á. **Dinâmica do trabalho em grupo**. Rio de Janeiro: Qualitymarl, 2002.
- FARR, R. M. **As raízes da psicologia social moderna**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Projeções da população: Brasil e unidades da federação. In: IBGE. **Coordenação de população e indicadores sociais**. 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018 (Revisão 2018).
- LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MAISONNEUVE, J. **Introdução à psicossociologia**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1977.
- MINICUCCI, A. **Dinâmica de grupo: Teorias e sistema**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

- OSÓRIO, L.C. **Grupoterapias: Abordagens Atuais**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- PICHON-RIVIÈRE, E. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SCHUTZ, W. **Profunda simplicidade: uma nova consciência do eu interior**. São Paulo: Ágora, 1989.
- YALOM, I. D.; LESZCZ, M. **Psicoterapia de grupo: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.
- ZIMERMAN, D. E. Minhas mudanças pessoais na prática de grupoterapia psicanalítica. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, v. 9, n. 1, p. 4-11, jan./jun. 2008.
- ZIMERMAN, D. E; OSÓRIO, L. C. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ANEXOS

ANEXO A- Planejamento Grupo Terapêutico AAPIL

AAPIL – Associação de Aposentados e Pensionistas de Lavras

Prezada _____,

De acordo com a solicitação, encaminhamos cronograma com o planejamento das atividades que serão desenvolvidas no Grupo Terapêutico, pelas estagiárias do curso de Psicologia/UNILAVRAS, durante o primeiro semestre de 2019, com encontros semanais (quartas-feiras), de 10h a 11h, início previsto em 03/04/2019 e término em 12/06/2019.

03/04	Dinâmica de apresentação – levantamento de temas geradores
10/04 a 08/05	Oficinas de Memória
15/05	Oficina Livre
22/05	Roda de Conversa
29/05	Oficina de Emoções
06/06	Oficina de Convivência – fortalecimento de vínculos
12/06	Encerramento das atividades

Lembramos que o planejamento é flexível, podendo ocorrer alterações, de acordo com as necessidades do grupo.

Agradecemos a oportunidade e contamos com a sua colaboração, na divulgação entre os associados.

Atenciosamente,

Roseléia e Juliana

Estagiárias Psicologia/Unilavras

ANEXO B – Ficha de Inscrição

FICHA GRUPOTERAPIA – AAPIL - 2019

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Escolaridade:

Motivo da Escolha de Pertencimento ao Grupo:

Constelação familiar, dados das pessoas que vivem na casa:

Nome	Parentesco	Idade	Escolaridade	Profissão

Faz tratamento médico: _____ Caso sim, com quem: _____

Porque:

Faz uso de medicamento: _____ .

Quais:

O que gosta de fazer para relaxar:
